

A EXPRESSÃO HUMANA DA REVELAÇÃO DIVINA

Gabriel Lomba Santiago *

“O sentido do gesto não está contido no gesto como fenômeno físico ou fisiológico. O sentido da palavra não está contido na palavra como som.”

(M. Merleau-Ponty: “Fenomenologia da Percepção” pág. 204.)

INTRODUÇÃO

A teologia é uma reflexão prática sobre a revelação. Assim pretendemos aqui, situar a reflexão teológica mediante perspectiva existencial e fenomenológica, onde vivência e fé se interpenetram misteriosamente.

Percebe-se que o encontro interpessoal é sempre incompleto e portanto o outro traz para mim algo de mistério. É a realidade realizada no visível-invisível. Desta forma, **os sinais, os símbolos**, são atitudes de exprimir existencialmente o EU e o OUTRO, na comunicação das consciências e gestos representativos da verdade-amor-confiança.

Na confiança profunda no outro é que se realiza a presença da dimensão social e espiritual da mensagem: “dois ou mais reunidos em meu nome, estou no meio de vocês” (Mt. 18, 19 – 20). A ação divina agindo assim na história dos homens que constituem Igreja (comunhão) implica que o esforço humano corresponde a um reforço divino que se realiza em plena liberdade-mistério.

Pela experiência vivencial e progressiva da fé concretizando a certeza no Cristo e no homem, teríamos condições maiores para compreender e interpretar as experiências pessoais no mundo e no próprio mundo, dinamizando-o pela transformação justa das estruturas.

* Professor de Teologia e Filosofia; Mestrando em Filosofia na PUCCamp.

Para isto, devemos meditar sobre as seguintes perguntas: Qual o sentido da linguagem e gestos humanos? Que sentido possui a salvação no âmbito social? Que sentido tem o “diálogo” do Deus invisível? Como se compreende a mensagem cristã encarnada na história humana?

1. A CONVIVÊNCIA HUMANA E SEUS PROBLEMAS

1.1. O Conhecimento de pessoas e a linguagem da convivência.

Num primeiro momento o caminho em direção a Deus é semelhante ao caminho que se faz em direção aos homens. A pessoa é **invisível**, mas se faz **visível** pelo seu corpo e por sua ação. Da mesma forma, Deus que é invisível se faz visível de alguma forma, nos acontecimentos.

Na medida que estendamos nossa subjetividade ao encontro do outro, este captará tal **atitude** e a incorporará à sua vida aumentando em muitos casos sua realização. Daí perguntaríamos: que conhecimento o outro tem de mim quando progressivamente dou-me a conhecer; revelo-me? Ainda mais: em que dimensões se colocaria esta situação com Deus?

O conhecimento parte de início pela presença física, ou seja, a pessoa se expressa pelo seu corpo, em seguida pelo seu comportamento e, numa síntese, pelo seu pensamento, onde se insere consciência e liberdade. Assim o sinal, como expressão pessoal contém sempre um elemento visível e outro invisível. O invisível se expressa e se manifesta no visível, embora um homem superficial não se dê conta da profundidade do outro, porque às vezes o sinal é ambíguo.

Na perspectiva científica podemos assinalar, com referência ao conhecimento das pessoas, uma distinção das ciências exatas ou ciências naturais, por um simples exemplo: quando um cientista sustenta a hipótese de que a vida precisa orientar-se pelo conhecimento científico; mas quando o próprio cientista pretende casar-se, não escolhe a esposa por métodos científicos. Equivale dizer, que a fonte do conhecimento pessoal, não é exclusivismo de compartimentos científicos.

É ao nível da linguagem que o conhecimento também se faz presente, sabendo, contudo, que a linguagem é simbólica. A linguagem é o meio principal pelo qual o homem expressa sua interioridade consciente, sentimentos, intenções, ou ainda, “a linguagem simbólica é uma língua onde o mundo exterior

é um símbolo do mundo interior, um símbolo de nossas almas e de nossas mentes" (1).

Quando o interlocutor quer encontrar o verdadeiro sentido da linguagem ele precisa interpretá-la — é a **exegese**. Quando há uma interpretação mais global do sentido das palavras é a **hermenêutica**.

Chegamos, então, ao núcleo problemático e dramático da linguagem; cada pessoa quer expressar-se e busca palavras com possibilidade de encarnar suas intenções invisíveis. Assim, quando duas pessoas comentam uma obra de arte, o que comunicam entre si não é a realidade visível, mas o modo de percebê-la! Daí a urgente necessidade atual de uma verdadeira revelação pela palavra. Caso contrário, "a profunda suspeita em relação à língua e o empobrecimento de nós mesmos e de nossas relações, ao mesmo tempo causa e consequência, são epidêmicos em nossa época. Experimentamos o desespero de sermos incapazes de comunicar a alguém o que sentimos ou pensamos, e o desespero ainda maior, de sermos incapazes de distinguir para nós mesmos, o que sentimos e o que somos. Sublinhando esta perda de identidade, está a perda da capacidade de persuasão dos símbolos e mitos sobre os quais se baseia a identidade e a linguagem" (2).

A linguagem convida sempre a uma intercomunicação, é convite a uma resposta. Desta maneira, a mensagem levada ao outro pela linguagem se recebe em **sentido de fé**. Se alguém diz algo, o outro **crê** ou **não**. O homem acredita na medida em que confia na sinceridade e nos conhecimentos sinceros do outro.

O fato de comunicar uma verdade invisível é, por decorrência, um convite à fé, fazendo com que a linguagem humana seja sempre **testemunho**, isto é, experiência vivencial anterior à palavra.

1.2. O Gesto — Extensão Social do EU — NÓS, e as Determinações Sociais do Gesto

O namorado presenteia com flores a namorada; o colega aperta a mão do companheiro; a filha beija a mãe; o esposo ausente envia uma carta à esposa; um amigo convida outro para um aperitivo. Estes gestos visíveis e sensíveis mediatizam a aproximação de pessoas, íntima e socialmente. E são

1. cf. Fromm, Erich: A Linguagem Esquecida — Rio, Zahar, 5ª 1973, pág. 20.

2. cf. May, Rollo: "Poder e Inocência", Rio, Artenova, 1974, pág. 53.

símbolos que levam uma significação junto com a resposta. É uma realidade espiritual que passa pelo gesto e se realiza no gesto. Quando alguém vê o mundo com os olhos do outro, sente com o coração do outro e pode reagir à circunstância do outro, então um encontro de pessoas atinge seu ponto culminante: saio de mim; sinto como o outro e morre-se para viver para o outro. Começa a existir o “NÓS” que se projeta como salvação pessoal e comunitário. Rollo May situa bem esse fenômeno:

“Numa época dessas, em meio à nossa alienação e isolamento, suspiramos por uma expressão simples e direta de nossos sentimentos a outra pessoa, uma relação direta com a essência dela, como a atitude de olhar firmemente nos olhos do outro e senti-lo ou ficar perto dele calmamente. Procuramos uma espécie de inocência, tão velha como a evolução humana, mas que chegue a nós como alguma coisa nova, a inocência das crianças de novo no paraíso. Ansiamos por uma expressão direta, através de nossos corpos, de uma intimidade que seja um atalho no longo caminho que a intimidade normal costuma percorrer. Queremos falar através de nossos corpos, saltar imediatamente em direção à identificação com o outro, mesmo que saibamos que ela é apenas parcial. Em suma, ansiamos passar por cima de todo o quadro símbolos/linguagem verbal” (3).

Um fenômeno constante em nossa existência é que a vida é movimento; parar é ficar para trás. O gesto pessoal-social **salva** do isolamento e dá um novo sentido à vida; uma possibilidade de comunicação. Por isso o gesto, portador de significado amoroso é sempre redenção do próprio EU e uma ressurreição ao “NÓS”.

Diante de toda esta perspectiva que pretende buscar o fundamento do gesto, também nos encontramos em situação ambiental definida pelo qual o gesto sofre o empobrecimento formal das convenções sociais. O homem não cria totalmente seu ambiente grupal nem o grupo cria totalmente seu modo de pensar e agir. O homem encontra-se na sociedade de determinada época e em determinado ponto geográfico, onde existe uma estrutura ambiental determinada, costumes, pessoas. Antes de agir livremente, já existe para o homem uma situação de fato. Enfim, não escolhemos nossos pais e irmãos. A outros

escolhemos a quem pudermos conhecer. Assim o gesto evidentemente encontrará meios de se manifestar apesar da situação.

No pluralismo atual, o gesto revela sua força comunicativa quando a **nível de grupo** onde implica a confiança e compromisso. Quando feito a nível de massas, ele se empobrece porque gestos e vida são difundidos através da propaganda, imprensa e meios interessados em “necessidades artificiais”. No grupo se acentua uma plataforma comum, onde o gesto se centraliza menos no formalismo e, muito mais, na convivência.

2.A REVELAÇÃO DIVINA E COMO HUMANAMENTE SE EXPRESSA

2.1. A reflexão sobre Deus: uma “comunicação humana” com Deus.

Todo o exposto até agora, pretendeu mostrar que nas experiências do EU ao TU e do TU ao Nós, a presença subjacente da comunicação divina no homem age misteriosamente e se assinala na expressão e no gesto humano, “o mundo se transforma em hóstia (T. Chardin). As coisas se tornam expressões, revelações, portadoras e instrumentos das significações nutridas pelo coração. A opacidade do material é rompida e, através de sua transparência, vê-se o sagrado que se revela através do profano” (4).

O conhecimento e a obscuridade de Deus deverão ser supostos, “porque todo modo de **falar de Deus** só é correto quando efetuado segundo as condições do conhecimento humano de Deus, mistério inexprimível” (5). Desta maneira uma reflexão sobre Deus somada às vivências existenciais, projeta no mundo uma atração irresistível pelo seu significado.

A “comunicação” (se é assim que se pode falar perante a fé) homem-Deus tendo suposto a fé, atravessa a linguagem humana numa linha horizontal e a de Deus numa vertical. No vértice dessas linhas dinâmicas emerge o momento de perceber Deus!

O homem que age com fé e esperança no outro, dispõe de condições suficientes para agir semelhantemente com Deus apesar de a relação não ser a mesma devido às diferenças óbvias. Diríamos pois, que o Cristianismo, onde o próprio Deus-se-revela-Cristo, e a nossa experiência cristã se dá a co-

(4) Cf. Alves, Rubem: “O Enigma da Religião”, Petrópolis, Vozes 1975 — pág. 89.

(5) Cf. Johannes Feiner: “Deus Uno e Trino” — “In Misterium Salutis” II 1. pág. 43 — Vozes, 1973.

nhecer em muitos, os fiéis ainda vivem numa situação de **religião natural**. Não entendem que diferença possa haver entre Cristianismo e as outras religiões.

É certo que, compreendendo a invisibilidade de Deus, abrimo-nos mais facilmente para a compreensão do ateísmo contemporâneo que rejeita sua imagem **visível e determinada**.

Reflexões e pregações atualmente, dão a impressão de que Deus é perfeitamente conhecido e observado como um ser humano que anda nas ruas. No conceito popular Deus **aparece** com relativa facilidade, e é definido com tanta precisão que se assemelha a alguém conhecido com exatidão. Transparece com isso, que a religião se empenha em excluir a **procura** e a **reflexão**. Mas, esta compreensão é mais estática do que dinâmica, embora a **intenção** pessoal seja honesta.

Será que hoje o homem quer um Deus “achado” onde se exclua meditação, razão, busca? Quando dizemos: “Deus é o outro”, não estaríamos dando uma forma acabada, criando um estatismo?

Por uma série de fatores (pluralismo, sensibilidade etc.), a imagem popular esquece que Deus é incompreensível. Esquece que Ele ultrapassa as nossas possibilidades. Podemos admirá-Lo e adorá-Lo, mas temos de renunciar a uma definição e renunciar a consciência tranqüila que o encontramos. **Conhecer a Deus é continuar procurando-O**. O Cristo-Deus, apesar de sua Encarnação e de seu Evangelho, não conhecemos sua vontade como conhecemos um plano de integração nacional de um governo. Não obstante sua Encarnação e clareza evangélica, a Sua vontade só se conhece na incerteza da busca.

Os que rejeitam uma imagem popular de Deus, continuam procurando-O. Neste caso estão os cientistas, dizendo que não há Deus porque os astronautas foram “até o céu” e não o encontraram. Médicos afirmam — depois de seccionarem todas as fibras do corpo — não terem encontrado alma nem Deus; e, com esta mesma exigência para crer, desejam provas científicas de sua existência. Enfim, tanto o popular como o cientista desejam “Deus tangível”. Isso não acontece.

O divino não é coisa, não é o sacerdote. O sentido da vida não é propriamente uma percepção do divino, mas realmente no sentido da vida se percebe **outro sentido que a transcende** e isto já é religioso, divino. Assim, o divino aparece como um significado presente na totalidade da nossa experiência humana.

2.2 A linguagem na reflexão sobre Deus.

Para P. Tillich, “a fé religiosa, que é o estado de ser intensamente relacionado com o supremo, pode expressar-se somente em linguagem simbólica” (6).

Cada movimento, ou acontecimento está cheio da manifestação de Deus. Somente é necessário percebê-Lo e interpretá-Lo. Deus fala através do Universo onde também as pessoas se encontram.

Observemos que a comunicação interpessoal realiza-se pela linguagem: as pessoas se comunicam conversando. Uma frase humana, de repente pode ser uma dimensão religiosa para o outro e pode descobrir-se um sentido mais profundo que parece transcender ao que fala. Numa conversa animada podemos, de imediato, perceber que ambos estamos descobrindo Deus.

A experiência de uma amizade é marcante. Quanto mais se aproxima o homem das realidades da expressão, percebe facilmente que a linguagem o trai, não encontra palavras que traduzam suas experiências mais íntimas e pessoais, daí começa a criar uma linguagem nova. Às vezes a linguagem nos trai, quando queremos falar de Deus a partir de desejos pessoais. A linguagem não esgota o conteúdo pensante, perde-se no infinito do mistério.

Parece-nos que cada pessoa deve discernir: se Deus realmente “fala” através da linguagem humana.

É preciso lembrar também aqui: a linguagem que implica proselitismo não deve ser utilizada. Uma procura livre para Deus não pode ser imposta; as pessoas devem descobrir efetivamente as vantagens de realizá-la, se possível, comunitariamente.

3. CRISTO: O Sentido Sagrado da História Humana

3.1. Perceber Cristo Sacralizando o Mundo Humano

O Cristianismo é uma iniciativa divina, antes de ser um esforço humano... e a iniciativa divina irrompe na vida de uma forma humana para que o homem possa percebê-la. O homem encontra-se diante dela como algo inesperado e não estranho, pois o homem aceita o divino como verdadeiro.

6. Cf. Tillich, Paul: “Dynamics of Faith, N. Y. Harper & Row, pág. 45.

Cristo insiste sobre a vivência dos relacionamentos humanos de tal forma, que já os profetas afirmaram: Deus ilumina o homem quando distribui seu pão ao faminto; quando recebe em casa aos que não tem casa; e quando liberta os oprimidos da escravidão.

No Novo Testamento esta relação é mais adequada quando diz: “é impossível amar a Deus enquanto não amamos aos que nos cercam” (1. Jo. 4 – 20). Por isso a oração e inclusive a missa, carecem de sentido enquanto não se levou em conta os problemas de comunicação humana (Mt. 5, 23). Os conflitos surgidos em nossa comunicação, são devidos a obstáculos que colocamos em nossa capacidade de amar. Por isto mesmo Tiago, Apóstolo, lança um aviso grave e profundamente questionador aos homens (Tg. 5, 1 – 6): Se nos sentimos indiferentes diante de nossos irmãos, a oração significaria esvaziamento, sinal de indiferença diante de Deus.

Talvez haja pessoas convencidas de que podem amar a Deus com todo o seu coração, mas o cristão sabe que, enquanto o relacionamento humano estiver marcado pelo ódio, incompreensão, exploração, não comunicação, o nosso relacionamento com Deus será negativo.

O desejo de amar a Deus já é amor, mas é ainda germe. A sua realização só será válida quando o nosso relacionamento entre os homens seja real; e não ópio ou idealismos mascarados de realidade.

3.2. O Sentido Positivo do Testemunho

Dar testemunho, no sentido cristão, não é doutrinar os outros, mas manifestar o que a gente vive, e se esta vida é fé em Cristo, esperança em sua promessa e amor de Deus, então o testemunho se transforma em testemunho cristão.

Estas experiências fazem do cristão uma pessoa alegre. Por isso ele é libertação, salvação, compreensão. A fé vive mais quando se acredita mais nos outros e lhes oferecemos momentos presentes fortes e perspectivas futuras, pois a vida, segundo o espírito, não é eliminar o mundo de nossa realidade, mas aceitar uma interpretação do mundo.

É preciso compreender que Revelação e Fé são noções correlativas: como a Revelação é o primeiro passo de Deus para o homem, assim a Fé é o primeiro passo do homem para Deus. A teologia do século XX acentua a dimensão histórica e se interessa especialmente pelas implicações de uma re-

velação que atravessa a história e apóia-se na **fenomenologia** e na **história da revelação**, testemunhando destarte uma característica cristã: inserção na história-processo para a humanização do Mundo.

Ora, a inserção na história-processo é um testemunho-mistério de Cristo penetrando no âmago do mundo. A resposta do homem a esse testemunho como tarefa de libertar o necessitado, “não é reduzir o Cristianismo a mero horizontalismo e traduzir Deus em mera categoria antropológica. Contrapor horizontalismo a verticalismo é objetivar e hipostasiar fora da vida aquilo que na vida concreta vem sempre junto. A vida mesma, a libertação, quando afirmadas radicalmente e assumidas com toda a responsabilidade, mostram a dimensão vertical e horizontal. Só quem se entrega de corpo e alma ao serviço do próximo começa a perceber uma dimensão que transcende o próximo e a ele mesmo...” (7)

CONCLUSÃO

Vimos qual seja o fundamento que expressa melhor, humanamente, o que Deus revela.

Desta forma, linguagem, gesto, sinal, símbolo, experiência, consciência, liberdade, estão perfeitamente implicados e porque não dizer, comprometidos com a comunicação divina, única manifestação possível que torna viável a compreensão da atração do “microcosmos” com o “macrocosmos”. Compreensível também o fenômeno Cristo na história, na medida que Ele se engaja diretamente no sofrimento da carne humana, atenuando a radical oposição sagrado-profana projetando no mundo o sentido da vida, a esperança, apesar de “a causa de Cristo encontrar-se sempre num estado desesperador. Aliás, a história o confirma. As situações da história da Igreja apareceram por diversas vezes desesperadoras e sem saída visível aos olhos dos bons observadores. Ora, quando os responsáveis humanos já não encontram mais saída, o Espírito abre novos caminhos e lança os discípulos para novas veredas preparadas por Deus e no meio do tecido da história” (8).

Finalizando, “A expressão humana da revelação divina” é uma tarefa não somente do teólogo de gabinete, mas uma tarefa do homem de fé que se sensibiliza, conscientiza, vivendo em si, com o outro e na extensão divina.

7. Cf. Comblin, José: A fé no Evangelho, Petrópolis, Vozes, 1969 pág. 82.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Bibl. de Teologia.

- ALVES, Rubem: "O Enigma da Religião, Petrópolis, Vozes, 1975.
- BÍBLIA de Jerusalém — Novo Testamento — S. Paulo, Paulinas, 1ª, 1976.
- BOFF, Leonardo: "Atualidade da Experiência de Deus", CRB, Rio, 1974.
- COMBLIN, José: "A Fé no Evangelho", Petrópolis, Vozes, 1969.
- COMBLIN, José: "A História da Teologia Católica", S. Paulo, Herder, 1969.
- HICK, John: "Filosofia da Religião", Rio, Zahar, 1970.
- JALICS, Francisco: "El Encuentro con Dios", Florida, Argentina, Paulinas, 2ª 1971.
- JOEST, Wilfried: "El Lenguaje sobre Dios", Selecciones de Teologia, Vol. 14 nº 53, Jan-Mar, 1975, Barcelona, págs. 3 — 9.
- KLOPPENBURG, B.,: "Tentaciones de la teologia de la Liberación", Selec. Teol. Vol. 15 nº 60, Out. Dez., 1976, págs. 284 — 293.
- ROXO, Roberto Mascarenhas: "O Senhor e a História", Petrópolis, Vozes, 1969.
- ZAHRNT, Heinz: "Aspectos religiosos de la actual experiência de la vida", Sel. Teol. Vol. 15 nº 59 — Julho — Set., 1976, págs. 171 — 186.

Bibliografia de Filosofia e Psicologia para Fenomenologia e Existencialismo.

- CAPALBO, Creusa: "Fenomenologia e Ciências Humanas" Rio, Ozon, 1973.
- DARTIGUES, André: "La Fenomenologia", Barcelona, Herder, 1975.
- DUMAS, André: "Ideologia e Fé", Rio, Ed. Tempo e Presença, 1968.
- KATZ, Jerrold J.: "La Realidad subyacente del Lenguaje y su valor Filosófico, Madrid, Alianza Editorial, 1975.
- FROMM, Erich: "A Linguagem Esquecida", Rio, Zahar, 5ª, 1973.

MAY, Rollo: "Poder e Inocência", Rio, Artenova, 1974.

NOGUEIRA, João Carlos: "A linguagem como verdade do homem: uma tarefa simplesmente humana", "Reflexão" Vol. I, nº 1, Set. 1975, págs. 11 – 33.

MERLEAU-PONTY, M.: "Fenomenologia da Percepção", S. Paulo, Freitas Bastos.